
Irina Mavrodin (2006) *Despre Traducere. Literal Si In Toate Sensurile*. Craiova: Ed. Scrisul Românesc, 2006, 180 p.

O último volume de ensaios de Irina Mavrodin *Sobre a tradução – literalmente e em todos os sentidos* (tradução brasileira do título publicado originalmente

em romeno), publicado pela Editora Scrisul Românesc, Craiova, 2006, é um livro anunciado e esperado ao mesmo tempo. Anunciado por um artigo publicado em *Convorbiri Literare*, no qual, desde o título, a autora confessava: “eu sonho em escrever um livro sobre tradução”. Esta obra era muito almejada pelos leitores, que encontravam esporadicamente artigos e notas sobre a atividade da grande tradutora

Irina Mavrodin em jornais e em seus livros, mas nunca uma publicação que os reúna, os ordene e os harmonize em um todo.

É isso que nos proporciona este belo volume, excelente também pela sua qualidade gráfica e portando um subtítulo levemente provocativo - literalmente e em todos os sentidos - no qual as palavras célebres de Rimbaud são adaptadas à atividade e à ação do tradutor. A reflexão sobre a tradução desta ilustre tradutora e tradutóloga não se apresenta como um manual de tradutologia no sentido restrito do termo, mas no seu sentido amplo, pois, desde sua primeira frase, Irina Mavrodin escolhe a abertura ao escrever uma "fórmula fragmentária assistemática". Apesar desta declaração ser, de certo modo, programática, há uma ordem e uma articulação dos diversos ensaios que dão uma boa unidade ao livro, visível desde O Argumento introdutório até o artigo final, que, escrito em francês, configura as conclusões e um resumo ao mesmo tempo.

Deve-se observar também a capa do livro, que, através de uma composição de matiz, remete à idéia da dificuldade do jogo de xadrez, da reflexão e da con-

centrarão que este jogo exige, daí a evidente analogia com a tradução, com as perigosas escolhas a fazer para cada movimento-solução de transposição e de equivalência do sentido, da expressão e do ritmo do texto à transmitir de uma língua à outra.

Aliás, o artigo "Viver o jogo" explicita esta analogia "a observação das regras do jogo não significa o estrangulamento da inventividade, da criatividade, mas, ao contrário, sua estimulação. Tudo como no jogo de xadrez - do qual se conhece as regras mais estritas - no jogo que é a teoria da literatura, a teoria da tradução, as regras permitem uma infinidade de combinações, uma infinidade de combinações controlada, dominada justamente pela observação dos critérios fixados pelas regras."

E já que Irina Mavrodin é, ao mesmo tempo, poeta e ensaísta, um de seus primeiros artigos analisados é "O papel da tradução na vida de todos os dias do escritor". Com um artigo e outro nutridos da mesma problemática ("Traduzindo Stendhal", "O Vestido e a Catedral", "Traduzir No Caminho de Swann") nós quase lidamos com uma autobiografia espiritual, na qual o

percurso da escritora-tradutora é traçado em um plano secundário e o primeiro plano retoma uma reflexão profunda e sempre renovada sobre o ato da tradução.

Longe de ser um simples trabalho lucrativo, marginal em relação à criação pessoal, para a escritora Irina Mavrodin, a tradução é, não somente, um modo de agir “escrituralmente”, de experimentar a escrita, jogando com a língua na qual ela traduz, de permanecer em contato as mentes da literatura universal, mas também um gesto ritual de entrar no “fazer da obra”, de alcançar o ato autorial maior.

Mas o par tradução/criação não é o único que preocupa Irina Mavrodin. Com a mesma intensidade se manifesta o interesse pelo par de termos teoria/prática, que se reforçam e se alimentam reciprocamente e tendem mesmo a transformar-se num todo, um conjunto, uma “prático-teoria”. Não se pode deixar de evocar neste sentido, as formas aparentemente paradoxais de um outro grande teórico e prático da tradução literária, Henri Meschonnic, que afirma com um grão de lucidez: “A teoria é uma prática”, “A prática é uma teoria”.

E como a tradução se constrói por soluções e opiniões particulares, e não pela aplicação mecânica de uma teoria, a prático-teoria proposta por Irina Mavrodin, inspirada mais pela poética da literatura e menos pela linguística, opera com conceitos como leitura plural, ambigüidade, série aberta, literalidade, literariedade, conotação/denotação, etc. A rede conceitual da metalinguagem poética sobre a tradução deve ser essencial e econômica, e evitar a armadilha da teorização gratuita.

Quando e como funcionam estes conceitos nos é mostrado pela língua, rica e inconstante experiência de praticante da tradução literária da autora (tomamos aqui a tradução literária no seu sentido amplo, notadamente a tradução da literatura e das ciências humanas).

Assim, por exemplo, no caso de um texto de grande poeticidade e de grande ambigüidade, o procedimento hermenêutico torna-se um verdadeiro erro, embora bastante tentador para o tradutor, que procura o significado unívoco e sacrifica o sentido plurívoco capaz de conduzir a uma leitura fundamentalmente plural.

Em outros casos, a tão repreendida tradução ad litteram, vista geralmente como uma falta de inspiração e de domínio da técnica é a solução adequada, ideal mesmo, para a transposição de um poema dadaísta de Tristan Tzara, pois tratamos aqui de um caso raro de coincidência entre literalidade e literariedade.

A dificuldade de traduzir Proust, que força a sintaxe do francês de entrar no seu ritmo sobre grandes superfícies, a dificuldade de observação de suas leis arquitetônicas e sinfônicas é inteiramente oposta àquela de traduzir Cioran, onde a luta se dá em cada sílaba, cada palavra, em um terrível esforço de lapidaridade.

A tradução, neste caso, a re- tradução recente de Stendhal, permite constatar que a realização do “simples”- a economia de medidas e a claridade, visadas pelo escritor que se fez um modelo de escritura do código civil – é nitidamente superior a realização do complicado.

A visão mavrodiana sobre a tradução, embasada pela regra de ouro que entre a prática e a teoria, entre a experiência e a reflexão, existe uma relação essencialmente biunívoco – impõe

a idéia de uma tradução enquanto “fazer”, processo, “poïesis”, nunca terminada, como em toda verdadeira criação, mas encerrada como em amarras pelos obstáculos inexoráveis.

Um verdadeiro decálogo da tradução é apresentado no artigo central “Uma prática-teoria e dez fragmentos”, do qual nós retemos algumas idéias, tantos conselhos para o tradutor aprendiz.

O tradutor constrói sua própria teoria por um procedimento indutivo de natureza prática, na qual a vocação e o talento têm um lugar importante. Esta teoria alimenta sua atividade e isso resulta em um movimento alternante, um processo de auto-regulagem, como em todo processo de verdadeira criação. A teoria, mesmo que mínima, ajuda o tradutor no seu trabalho, pois conscientemente ou não, este último é tributário de uma teoria.

“A leitura plural”, que valoriza a obra literária, proporcionando-lhe múltiplas leituras – coerentes e válidas – para a mesma obra, encontra-se novamente no domínio da tradução literária, onde o tradutor oferece, através de seu texto traduzido, uma leitura advertida, marcada pela sua mentalidade cultural, pelo seu

universo epistemológico, pelo seu horizonte de espera, pela sua própria sensibilidade, influência, por vezes pela sensibilidade coletiva.

Esta tradução será, em algumas décadas, tocada pelo atraso, devido às mudanças de mentalidade, do horizonte de espera do público, da evolução da língua, exigindo assim, uma nova tradução. Isso que vai conduzir a idéia de série aberta e de retradução, fenômeno cada vez mais freqüente em uma cultura que se respeite.

O problema das “destruições” causadas pelas conotações chamam a atenção da tradutora, que nos alerta sobre o deslocamento e a especificidade das duas culturas e sobre o público destinatário, que vai aceitar através de um texto uma língua “arcaizante”, não arcaica, porque a última faria o texto ilegível. O tradutor obcecado pelo princípio da fidelidade, vai transpor um texto literário francês ou alemão na língua romana da mesma época, expondo-se ao perigo de dar ao texto impressões cômicas, irrisórias, um híbrido de duas culturas monstruoso e inaceitável.

Os mesmos riscos e dificuldades ameaçam igualmente a tradução de um texto em dialeto na

sua cultura de origem, texto que não poderá jamais ser transposto em um dialeto da cultura receptora, mas em uma língua especial, inventada pelo tradutor, que sugere somente uma cor local, sem identificá-la, no entanto, à uma totalidade autóctone.

Um outro tipo de dificuldade terá de enfrentar o tradutor de um texto inovador na sua cultura, para sua versão em língua estrangeira – normalmente maternal para ele – o tradutor deve produzir o mesmo efeito de choque para o novo público, a mesma violência sobre a língua da qual ele traduz. Ele precisará de grande ousadia para explorar as virtualidades da língua-alvo, e de uma boa capacidade de criação para conduzir o leitor do texto traduzido nas suas experiências e expectativas.

Uma faceta mais rara do tradutor “total” que é Irina Mavrodin, é aquela de crítica das traduções, que se manifesta aqui pela análise da tradução que Miron Kiropol fornece as poesias de Eminescu – o poeta nacional romeno – pela qual o tradutor, estabelecido há algumas décadas na França, afronta a tradução tirânica que pretendia, para a tradução da poesia, o respeito rigoroso da prosódia, e recorre à

uma solução de grande e vibrante poeticidade, o verso branco e um certo ritmo poético.

O problema da autotradução, fenômeno que perpassa freqüentemente pela reescritura, não deixa indiferente a tradutora e poetisa, que se autotraduziu várias vezes, com a mesma arte com a qual ela produziu a obra integral de Proust, e se prepara agora para a retradução de Flaubert.

Deixando ao leitor o prazer de descobrir outros aspectos da tradução e da tradutologia praticadas pelo autor, podemos dizer que este livro de Irina Mavrodin, tão esperado e bem-vindo, é um momento fausto de avaliação para a grande tradutora e poeta da tradução, para a professora de tradutologia, para a autotradutora e escritora que esta personalidade reúne com alegria.

E já que se fala de alegria, não podemos deixar de evocar aqui a alegria de mulher apaixonada, que se confessa a tradutora no momento em que começa a revisão – em outras palavras

– a retradução da obra integral proustiana.

Esta fonte de felicidade e contentamento, originados de um longo e penoso trabalho, é uma bela lição e um convite à experiência para aquele que constrói seu aprendizado em tradução literária.

O livro sobre a tradução de Irina Mavrodin constitui uma meditação profunda e reveladora sobre a atividade tradutória, sobre o texto traduzido, sobre a condição de tradutor, sobre uma necessária crítica da tradução. Ela testemunha, ao lado da rica atividade de tradutora e de professora, de ensaísta e de publicista, que luta pela visibilidade da tradução, de uma verdadeira consciência tradutológica, rara e extremamente preciosa na cultura romena.

Muguras Constantinescu
Universitatea “Ștefan cel Mare”,
Suceava/Romenia

Tradução de Marie Hélène C.
Torres e Carolina Zarth
UFSC